



Mariana Mayumi Pereira de Souza¹

mariana.mayumi@ufv.br

Alexandre de Pádua Carrieri²

alexandre@cepead.face.ufmg.br

IDENTIDADES, PRÁTICAS DISCURSIVAS E RACIONALIDADES: UMA PROPOSTA PARA A COMPREENSÃO DO CONTEXTO ORGANIZACIONAL

Nosso objetivo é apresentar um ensaio teórico propondo o estudo das organizações enquanto sistemas sociais dinâmicos, nos quais indivíduos formam e transformam suas identidades, afiliando-se a identidades coletivas intra ou supraorganizacionais, pautados por dosagens de diferentes racionalidades. A realidade social (nas organizações) a ser recortada passa a ser concebida como fruto da construção diária dos sujeitos, enquanto participantes ativos e interpretadores do mundo que os cerca. Propõe-se considerar as organizações a princípio apenas como *locus* de pesquisa, espaços simbólicos nos quais identidades individuais e coletivas são formadas. Nesse sentido, instâncias identificatórias relevantes como, por exemplo, grupos informais, departamentos, setores, organização, categorias profissionais, somente são identificadas à medida que se amplia o conhecimento empírico sobre o *locus* (BERGER; LUCKMAN, 1998; HERACLEOUS; JACOBS, 2006). Optou-se aqui pelo conceito de identidade, pois ele abriria possibilidades de se explorar a individualidade de cada sujeito no decorrer das interações sociais (CIAMPA, 2005). A articulação das identidades individuais em níveis coletivos permite, por sua vez, o entendimento dos significados coletivamente partilhados, das restrições que a identidade coletiva impõe à identidade individual e das razões que levam o sujeito a se agrupar e/ou pertencer a uma organização (WRY; GLYNN, *no prelo*; RAMOS, 1981). Ao se tratar de identidades nas organizações, propõe-se uma visão diferenciada, que integre as concepções da identidade como prática cotidiana, da prática como prática discursiva e da prática discursiva pautada por racionalidades. Portanto, o conceito de identidade proposto se apresenta como uma tríade: identidade = prática = discurso. O indivíduo, sendo entendido como ser integral, construiria sua identidade a partir da atividade na vida cotidiana. Defende-se a idéia da identidade enquanto a vida ativa do sujeito, o que ele faz ao longo de sua vida e o que o torna único, ou seja, *quem* ele é no mundo (CIAMPA, 2005; ARENDT, 2004). A revelação de quem a pessoa é, e em particular o estudo dessa revelação pelo pesquisador, perpassa necessariamente pela interpretação de suas práticas, isto é, pela captação das mesmas enquanto discursos, verbais ou não, que conferem sentido às ações. Dessa forma, para se estudar a identidade, há de se conceber as práticas enquanto práticas discursivas, que pressupõem o estabelecimento de relações de sentido entre enunciadores (sujeitos de pesquisa) e receptor (pesquisador) (FAIRCLOUGH, 2003). Partindo-se de uma perspectiva filosófica negativa, entende-se que as práticas identitárias (discursivas) poderiam estar direcionadas à existência material no mundo ou a atividades que a transcendam. No primeiro caso, o indivíduo se dedica ao simples cumprimento de papéis sociais e pauta sua conduta em função de sua relação objetiva mundana. Em momentos de transcendência, por outro lado, o indivíduo poderia se dedicar à

¹ Universidade Federal de Viçosa

² Universidade Federal de Minas Gerais

contemplação, à conduta ética, à arte, à interação autêntica e ao pensamento crítico. Entende-se que a Razão humana opera de forma diferenciada em atividades de existência e de transcendência, sendo as primeiras pautadas basicamente pela racionalidade instrumental e as últimas pela racionalidade substancial (ARENDETT, 2004; MANNHEIM, 1986, RAMOS, 1981). Nesse sentido, práticas cotidianas orientadas pelas diferentes racionalidades permitem ao indivíduo exercer, em seu cotidiano, identidade instrumental ou identidade substancial. Aplicando-se tal entendimento ao contexto das organizações, salienta-se a importância de se estudar os indivíduos em relação aos níveis coletivos, pois, segundo a teoria da delimitação dos sistemas sociais de Ramos (1981), em diferentes enclaves da vida social, torna-se possível ao indivíduo exercer diferentes tipos de racionalidade. Em contrapartida, segundo o conceito de identidade metamorfose de Ciampa (2005), defende-se também a ideia de que o indivíduo é capaz de exercer uma identidade autêntica em contextos pautados pela instrumentalidade, sendo capaz de transformar-se e transformar as condições que o reprimem. Cabe, portanto, ao pesquisador, identificar os grupos, ou identidades coletivas, que emergem no contexto das organizações e analisar a relação entre racionalidades coletivas e individuais, para que, ao final, sejam desvendados os processos de construção das identidades em jogo e da dinâmica organizacional. Tendo em vista que propomos o estudo da identidade a partir de uma epistemologia baseada na esfera discursiva, apontamos o caminho metodológico a partir dos elementos da Análise do Discurso. Em termos discursivos, as identidades individuais se revelam pela produção material, ou seja, pelos textos (verbais ou não) expressados pelos indivíduos em seu cotidiano. As identidades coletivas, por sua vez, se revelam pelos gêneros discursivos, ou seja, pelos padrões de práticas discursivas que restringem a enunciação individual (BAKHTIN, 1992; FAIRCLOUGH, 2003). A partir da coleta de dados qualitativos, por observações e entrevistas em profundidade, por exemplo, o pesquisador busca, primeiramente, diferenciar os elementos discursivos pertencentes aos indivíduos dos elementos compartilhados, pertencentes às identidades coletivas. Em seguida, analisam-se os discursos de forma a desvendar os aspectos ideológicos que os permeiam, visando extrair as racionalidades subjacentes, tanto dos indivíduos quanto dos coletivos. A partir daí, torna-se possível delinear as identidades vinculadas à organização, assim como as tensões entre identidades individuais e coletivas. Em suma, conforme já exposto, entende-se que os espaços de interação delimitados pelas identidades coletivas (gêneros discursivos) fornecem limites para a expressão das identidades individuais (práticas discursivas - textos). Entretanto, o indivíduo teria certas oportunidades de escolhas quanto às identidades coletivas de que ele faria parte. Ademais, ocasionalmente, a partir da transcendência pela racionalidade substantiva, o indivíduo poderia também transformar ativamente os espaços que lhe impõem relações de dominação, ou seja, empreender práticas discursivas que fogem ao padrão de racionalidade imposto pelos gêneros. O resultado de uma pesquisa em que se aplicou tal proposta teórico-epistemológica demonstrou que tanto identidades individuais quanto coletivas encontram-se em constante reconstrução a partir de práticas que envolvem dosagens distintas de racionalidades. Apesar de se verificar a predominância de um certo tipo de racionalidade em práticas identitárias, observa-se que é raro (quicá impossível) a orientação puramente por apenas uma racionalidade. Ademais, o processo interpretativo das práticas observadas e coletadas pelo pesquisador inevitavelmente implica na perda de certos sentidos subjetivos inerentes aos indivíduos e grupos cujas identidades se tenta desvendar. As racionalidades que orientam a construção das identidades nunca serão completamente captadas pelo pesquisador. A partir deste ensaio, esperamos fomentar discussões sobre a articulação dos conceitos identidade, prática discursiva e racionalidade.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, identidade coletiva, prática discursiva, racionalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1992.

BERGER, P. L.; LUCKMAN, T. *A Construção Social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CIAMPA, A. C. *Estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.

HERACLEOUS, L.; JACOBS, C. An embodied metaphor view of organizational levels. In: 7TH INTERNATIONAL CONFERENCE ON ORGANIZATIONAL DISCOURSE: identity, ideology and idiosyncrasy, 2006, Amsterdam (*Anais eletrônicos*). Amsterdam: Vrije University, 2006.

MANNHEIM, K. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: 1986.

RAMOS, A. G. *A Nova Ciência das Organizações: uma reconstrução da riqueza das nações*. Rio de Janeiro : Editora da FGV, 1981.

WRY, T.; LOUNSBURY, M.; GLYNN, M. Collective identity mobilization: Prototype framing, boundary expansion, and cultural recognition. *Organization Science*. No prelo.